



## MULHER NO ESPORTE: UMA VISÃO SOBRE A PRÁTICA NO FUTEBOL

---

Leonardo Barro Santos

Tatiane Duarte Da Silva

Vinicius Barroso Hirota

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Brasil

*“A Natureza feminina é diferente. A gente sabe disso. A gente tem filho, a gente menstrua. Essa especificidade faz, então, esse tipo de trabalho muito interessante, até porque muitas vezes são os homens que trabalham com as mulheres”.*

*Isabel Salgado. Ex-jogadora de vôlei da seleção brasileira*

**Resumo:** O futebol é um esporte difundido por multidões, mas qual o espaço feminino dentro deste esporte? O objetivo deste estudo foi através de uma pesquisa bibliográfica (MARCONI e LAKATOS, 2002) procurar levantar o maior número de informações referentes ao tema motivação e futebol feminino. Verificamos, assim, que a mulher tem conquistado o seu espaço no futebol profissional e amador, além de apresentar uma prática dentro do ambiente escolar, mas ainda com restrições e sem o apoio necessário.

**Palavras-chave:** Futebol feminino; Motivação; Gênero.

### WOMAN IN THE SPORT: A VISION ON THE PRACTICE IN THE SOCCER

**Abstract:** Soccer is a spread sport for crowds, but which the feminine space inside of this sport? The objective of this study was through a bibliographical research (MARCONI and LAKATOS, 2002) we tried to lift the largest number of information regarding the theme motivation and feminine soccer. We verified the woman as soon as has been conquering his/her space in the professional and amateur soccer, besides presenting a practice inside of the school atmosphere, but still with restrictions and without the necessary support.

**Keywords:** Female soccer; Motivation, Gender.

### INTRODUÇÃO

Embora não se tenha certeza sobre os primórdios do futebol, Daolio (2005) explica que recentemente historiadores descobriram vestígios dos jogos de bola em várias culturas antigas. Estes jogos de bola - explica o autor - ainda não era o futebol, pois não havia a definição de regras como há hoje, porém demonstram o interesse do *homem* por este tipo de esporte desde os tempos antigos.

O futebol tornou-se tão popular graças a seu jeito simples de jogar. Basta uma bola, equipes de jogadores variadas e as traves, para que, em qualquer espaço, crianças e adultos possam se divertir com o futebol. Na rua, na escola, no clube, no campinho do

bairro ou até mesmo no quintal de casa, desde cedo jovens de vários cantos do mundo começam a praticar o futebol (BORSARI, 2002).

Mas questiona-se, porque esse esporte é tão voltado ao *homem*? Por que, diante de uma história tão longa, uma trajetória tão grandiosa que acompanha grandes feitos e revoluções, o futebol continua tão restrito ao gênero masculino?

Os motivos da prática do futebol pelas meninas constituem-se o tema central do presente estudo, por se tratar de uma conquista recente e ainda pouco estudada. Souza Jr. e Darido (2002) explicam que para melhor compreendermos esse processo de transição, torna-se necessário a conceituação e algumas reflexões com relação à categoria “gênero”.

Scott (1995 apud SOUZA JR. e DARIDO, 2002) define gênero considerando que “o núcleo central” dessa definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995 apud SOUZA JR. e DARIDO, 2002). Portanto, ser do gênero feminino ou masculino leva a perceber o mundo de forma diferente, e estar no mundo de modos diferentes e, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção de poder.

Harris (2002, p.191-195) explica que *O Poder* – habilidade de fazer o que quiser sem ser interrompido por outros (dinheiro, prestígio, força) e *O Gênero* – conjunto de normas ou expectativa sobre como nos comportamos, entre outros fatores (HARRIS, 2002, p. 191-195), podem determinar o sucesso, profissional ou pessoal do indivíduo e, por sua vez, se esse vai ou não sentir-se motivado para determinada tarefa.

Portanto, o objetivo deste estudo é buscar respostas, embasado por uma extensa literatura especializada nesse assunto, tentando através desse trabalho compreender os motivos (e motivações) que levam meninas e mulheres a praticarem esse esporte, num país onde o futebol é visto e conhecido como um esporte de “*macho*”.

## METODOLOGIA

Através de uma pesquisa bibliográfica (MARCONI e LAKATOS, 2002), procuramos levantar o maior número de informações referentes ao tema motivação e futebol feminino. Sendo assim, utilizamos as seguintes palavras-chave: motivação no esporte, futebol feminino, futsal feminino, mulher no esporte e psicologia do esporte.

## A PRÁTICA DO ESPORTE FEMININO

A história da ética na participação de mulheres em esportes, o esporte olímpico em particular – incluindo todas as modalidades, inclusive o futebol - é a história de dois ideais em conflito. Para começar, o ideal dos jogos olímpicos e o atleta olímpico ideal aplicava-se especificamente e exclusivamente aos homens.

De acordo com Faria Jr. (1995), talvez um dos motivos para o atraso da prática do futebol pela mulher tenha sido devido à pouca participação e oportunidades oferecidas a elas, com uma Educação Física injusta, burguesa, branca e machista.

Os feitos esportivos, afirma Ljungqvist (1998 apud DRINKWATER, 2000), em grande parte, embora não por todos os esportes, têm por base a capacidade física, a força muscular e também a agressividade do indivíduo, essas características – explica a autora – são geralmente consideradas mais desenvolvidas em homens do que em mulheres.

Souza Jr. e Darido (2002) complementam que certamente o principal empecilho para a prática do futebol feminino refere-se ao discurso preconceituoso e estereotipado transmitido ao longo do último século quanto a esta prática.

Apesar de todas estas dificuldades, através de pequenas manifestações que ocorreram de maneira muito lenta, a mulher começou a buscar o seu espaço nos campos de futebol.

A situação do futebol feminino nacional melhorou um pouco, a partir dos primeiros anos da década de 80, quando, na gestão do doutor Manoel José Gomes Tubino, no Conselho Nacional de Desportos (CND), houve o reconhecimento que era necessário estimular as mulheres nas diversas modalidades. Em 06/03/1986, o CND baixou a recomendação n.º 02, que "reconhece a necessidade de estímulos à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país" (CASTELLANI FILHO, 1988 apud SOUZA JR. e DARIDO, 2002).

A partir desse momento, o mundo passa a conhecer o poder do esporte e do futebol feminino do Brasil. Atenas foi um marco. Dos 245 representantes brasileiros nos jogos olímpicos de 2004, 122 foram mulheres. Na maior delegação brasileira de todos os tempos, destaca-se a mais reluzente presença feminina. Comparando-se com Sydney 2000, houve um aumento de 29,8%. A participação masculina cresceu menos: 10,8%. São números interessantes, mas que não terão a menor importância no presente ou no futuro se não houver uma reflexão sincera sobre o significado da mulher brasileira no esporte – conseqüentemente no futebol - e na sociedade (CALÇADE, 2002 apud SIMÕES e KNIJNIK, 2004).

Independente do resultado, curiosa foi a trajetória da única equipe brasileira de futebol no torneio olímpico de 2004. Nossas meninas, como sempre, estavam relegadas ao clássico abandono do esporte bretão disputado por mulheres. Não fosse o fracasso dos homens em conseguir vagas para Atenas, seguiriam o curso normal destinado a elas: o desprezo e o pouco caso. Apesar de todos saberem que "futebol é coisa para homem", "é coisa de macho", nossas valentes meninas passaram meses sob o comando do treinador Renê Simões. Afinal, desta vez, a camisa amarela e os calções azuis não estavam com os de sempre, homens. Aquele símbolo de identidade nacional foi ocupado num gesto quase profano por atletas que não são conhecidas como tais, excluídas dos caminhos formais do esporte e alvo de todos os tipos de preconceitos.

Se fosse possível atribuir valores a medalhas, a prata conquistada pelo futebol feminino nas olimpíadas de 2004 valeria mais do que todas as outras obtidas pelo Brasil. Nenhum dos medalhistas brasileiros vivenciou condições tão adversas quanto as meninas derrotadas dramaticamente pelas americanas na prorrogação.

Desta maneira Ventura e Hirota (2007) complementam que apesar de na atualidade as mulheres brasileiras terem conseguido grande destaque nos acontecimentos esportivos, ainda é inferior o número das esportistas que participam de torneios importantes. Mesmo assim esses números devem ser apreciados, uma vez que hoje as mulheres têm mais liberdade para praticarem as mais diversas modalidades esportivas, apresentando resultados significativos.

O preconceito ainda existe na prática de esportes pela mulher, principalmente no futebol feminino. No entanto, Drinkwater (2000) afirma que a mulher superou todos esses obstáculos, e hoje vemos a evolução da participação feminina em jogos e competições em todo o mundo. E isso em parte – garante a autora – é em decorrência do fator motivacional. Dentre as temáticas de estudo da psicologia do esporte, a motivação talvez seja uma das possibilidades de intervenção mais importantes na dura rotina das atletas.

## MOTIVAÇÃO E FUTEBOL FEMININO

Davidoff (1983 apud PAIM, 2001) explica que motivação é um conceito que se invoca com frequência para explicar variações de determinados comportamentos e, sem dúvida, apresenta uma grande importância para a compreensão do comportamento humano. É um estado interno resultante de uma necessidade que desperta certo comportamento, com o objetivo de suprir essas necessidades.

O uso que uma pessoa der as suas capacidades humanas depende da sua motivação, seus desejos, carências, ambições, apetites, amores, ódio e medo. As diferentes motivações e cognições de uma pessoa explicam a diferença do desempenho da cada uma. Os fenômenos motivados apresentam comportamentos que parecem guiados pelo funcionamento biológico do organismo da espécie: como o de beber, comer, evitar a dor, respirar e reproduzir-se. Não obstante, temos os de natureza motivacional que seriam os comportamentos resultantes de necessidades, desejos, propósitos, interesses, afeições, medos, amores e uma série de funções correlatas. Alguns psicólogos afirmam que a motivação também é um desejo de se obter algo, sendo assim um determinante da forma como o indivíduo se comporta. Sentir-se motivado – completa Parreira (2006), é uma necessidade biológica, como comer, dormir, respirar. É mudar comportamentos em direção ao objetivo desejado.

Magill (1984) vai complementar essa idéia, explicando ainda que a motivação é de essencial importância para a compreensão da aprendizagem e do aprendizado de habilidades motoras devido a seu papel na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento.

Como alcançar o êxito em uma tarefa? De onde vem a motivação? Por que algumas pessoas se motivam mais do que as outras?

A verdadeira motivação, segundo Parreira (2006), é a chama interior que nos impulsiona rumo aos objetivos e Hirota (2004) nos lembra que o jogo de futebol deve sempre ser motivado, arriscando o novo, com o objetivo de formar cidadãos críticos e capazes, mas, fundamentalmente, que todos tenham as mesmas expectativas de aprender, errando ou acertando.

Motivação é uma palavra interessante, vem de *motus*, do latim, *motion*, do inglês, e significa mover, movimentar, mudar de lugar (PARREIRA, 2006) e podemos listar cinco itens que separam as pessoas motivadas das desmotivadas, como é mostrado a seguir:

- Altos níveis de necessidade de realização – quando esse nível é elevado, as pessoas trabalham mais e têm, assim, maiores chances de alcançar sucesso;
- Conhecer os objetivos;
- Ter competências;
- Ser otimista;
- Ser competitivo, algo muito estimulado entre os atletas.

(PARREIRA 2006, p. 223)

Assim, em termos gerais, a motivação significa os fatores e processos que levam as pessoas a agirem ou ficarem inertes frente a determinadas situações (CRATTY, 1983 apud PAIM, 2001).

Desta maneira, observamos que as competições esportivas foram criadas “*por homens e para os homens*” (LJUNGQVIST, 1998 apud DRINKWATER, 2000). Todavia a autora acrescenta que uma vez reconhecido o esporte feminino, o crescimento foi rápido. Em muitos esportes, as competições para mulheres, em nível de elite mundial, como os jogos olímpicos, ou até mesmo a copa feminina de futebol, são tão prestigiadas quanto as competições masculinas e têm o mesmo interesse.

O futebol, explica Putukian (1998 apud DRINKWATER, 2000), é um esporte de equipe fisicamente desafiador, que enfatiza atividade intermitente da alta intensidade, bem como o desempenho de resistência combinado com as habilidades específicas do esporte. O futebol é desfrutado, de modo seguro, por todos os grupos etários e por todos os tipos de corpos.

Compreender os aspectos motivacionais desse esporte extraordinário é útil para permitir ainda mais o acesso de todos a esse esporte tão simples, barato e acessível.

Souza Jr. e Darido (2002) consideram que muitas das meninas têm algum tipo de experiência com o futebol nas aulas de Educação Física escolar. Um estudo desse tipo foi realizado em 14 escolas de ensino fundamental da rede pública no município de Rio Claro, sendo desse universo 5 garotas de cada escola, totalizando 70 participantes ao todo, as quais foram submetidas a um questionário composto por 7 questões fechadas sobre a prática de futebol na escola durante as aulas de Educação Física, à ocupação generificada dos espaços destinados à prática desportiva e quanto à preferência esportiva das alunas.

Perguntado às próprias meninas se elas costumavam jogar futebol na escola, muitas delas confirmaram que jogavam ou ainda jogam futebol nas aulas de Educação Física. O resultado assume ainda que esse fator pode ter muita significância se levarmos em conta, que apesar da sala ser mista, meninos e meninas realizavam atividades separadas, o que abre a possibilidade dessas meninas estarem conquistando espaço nos jogos dos meninos ou reivindicando o espaço para seus jogos de futebol. Além disso, as respondentes indicaram que havia meninas que jogavam futebol fora do horário de aula: recreio, aulas vagas, outros períodos, tratando-se desse caso de uma atividade voluntária, ou seja, essas garotas organizavam-se para jogar sem a interferência do professor.

Ao perguntar quais eram os esportes favoritos das meninas em sua pesquisa Souza Jr. e Darido (2002) tiveram os seguintes dados: 54% vôlei, 39% futebol, 04% handebol e 03% basquete.

Em outro estudo, proposto por Paim (2001), fizeram parte da amostra 100 sujeitos praticantes de futebol em clubes de iniciação desportiva, sendo 36 meninos e 16 meninas da UFSM e 34 meninos e 14 meninas do Clube Recreativo Dores, com a faixa etária de 12-17 anos, divididos em 8 grupos, 4 grupos masculinos e 4 grupos femininos: meninos de 12-14 anos da UFSM; meninos de 15-17 anos da UFSM; meninas de 12-14 anos da UFSM; e meninas de 15-17 anos UFSM; meninos de 12-14 anos das Dores; meninos de 15-17 anos das Dores; meninas de 12-14 anos das Dores; e meninas de 15-17 anos das Dores. Como instrumento de pesquisa, utilizou-se o inventário de motivação para práticas desportivas de Gaya e Cardoso (1998 apud PAIM, 2001), composto por 19 perguntas objetivas, subdivididas em 03 categorias: competência desportiva, saúde e amizade/lazer. Os dados foram coletados no clube de iniciação desportiva da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Nesse estudo, Paim (2001) nos mostra que o motivo que leva as adolescentes a praticar futebol referente ao grupo etário de 12-14 anos seria o fator relacionado ao da competência desportiva, um universo de 64.2% das respostas. Esse resultado apresenta maior preferência quando comparado ao grupo masculino.

No grupo de meninas entre 15-17 anos a categoria saúde teve relevante importância, chegando a 85% das entrevistadas. Com base nesses dados e algumas outras estatísticas, a autora afirma em sua pesquisa que as meninas de 15-17 anos estão mais preocupadas com a sua auto-imagem e aptidão física, vendo na prática do futebol um fator motivante para o desenvolvimento dessas potencialidades (PAIM, 2001).

Na categoria amizade/lazer, tanto no grupo de 12-14 anos (80%), quanto no grupo de 15-17 anos (74%), observou-se grande incidência de meninas, que vão afirmar em seu discurso que a amizade é um fator determinante para a prática do futebol (PAIM, 2001).

Embasados por esses estudos, os autores concluem que o futebol realmente vem tendo uma boa aceitação entre as meninas, ficando em segundo lugar por modalidades esportivas. Este resultado sugere que os(as) professores(as) podem encontrar ao menos um ponto favorável à implementação do futebol nas aulas de Educação Física das meninas. E, assim, buscar maiores motivações que levam as garotas a praticar tal modalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que as meninas sintam-se à vontade para jogar, atenuando os efeitos do preconceito e proporcionando às meninas condições para que ocupem os espaços dentro da escola para a prática do futebol.

O contraste entre o dispositivo legal que determina a composição de turmas mistas para as aulas de Educação Física e a prática dos docentes que normalmente optam pela divisão da turma em um grupo masculino e outro feminino em uma mesma aula, reflete a dificuldade e o despreparo dos professores para o trabalho co-educativo, em virtude de uma formação profissional inadequada e da própria história de vida destes professores marcada pela separação por sexo.

Entre tantos temas abordados, dois resultados contrastantes encontrados nessa presente revisão referem-se, por um lado, ao desejo demonstrado pelas alunas de que o futebol faça parte de suas aulas de Educação Física, e, por outro lado, à visível dominação exercida por parte dos meninos dos espaços destinados à prática esportiva e, conseqüentemente, ao futebol. Este contraste traz consigo uma disputa de poder, pois, sendo a quadra um símbolo do domínio masculino expresso, na maioria das vezes, através do futebol, a reivindicação por parte das meninas da inclusão do futebol em suas aulas de Educação Física pode ser vista como uma resistência à dominação, ou mesmo uma tentativa de contra-dominação frente à hegemonia masculina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORSARI, J. R.. *A Evolução do Futebol : O Combate à Violência e o Resgate da Ética e do Fair Play*. São Paulo: Ed EPU, 2002.

DAOLIO, J.. *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2005.

DRINKWATER, B. L.. *Mulheres no Esporte – A Enciclopédia de Mulheres no Esporte uma Publicação da Comissão Médica do COI em Colaboração com o Comitê Internacional de Medicina do Esporte*. São Paulo: Ed. Guanabara, 2000.

FARIA JR., A. G.. Futebol, Questões de Gênero e Co-Educação – Algumas Considerações Sob Enfoque Multicultural. *Revista Núcleo Sociologia do Futebol*, n.2, 1995.

HARRIS C. J. ; HOFFMAN, J. S.. *Cinesiologia: O Estudo da Atividade Física*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HIROTA, V. B. Futebol: o Esporte e suas Possibilidades. *In Anais do 7º Congresso de produção Científica e 6º Seminário de Extensão da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP*. Maio, 2004.

MAGILL, R. A.. *Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: Edgard Blucher LTDA., 1984.

MARCONI, M. A. ; LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

PAIM, M. C. C.. Motivos que Levam Adolescentes a Praticar Futebol. *Revista digital*. Bueno Aires, ano 7, nº 43, Dezembro de 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd43/motivo.htm>>. Acesso em 13 de Setembro de 2008.

PARREIRA, C. A.. *Formando Equipes Vencedoras: Lição de Liderança e Motivação do Esporte aos Negócios*. Rio de Janeiro: Ed. Bestseller, 2006.

SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D.. *Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho*. São Paulo: Ed. Aleph, 2004.

SOUZA Jr., O. M. ; DARIDO, S. C. A Prática do Futebol Feminino no Ensino Fundamental. *Revista Matriz*, v.08. n.01, p.1-9, 2002.

VENTURA, T. S. ; HIROTA, V. B.. Futebol e Salto Alto: Por Que Não? *Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes*, v.06, n.03, p. 155-162, 2007.

#### *Contatos*

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Fone: 3555 2131

Endereço: Avenida Mackenzie, 905 –Tamboré - Barueri - SP, CEP: 06460-130

E-mail: [vhirota@mackenzie.com.br](mailto:vhirota@mackenzie.com.br)

#### *Tramitação*

Recebido em: 01/12/07

Aceito em: 13/03/08